

COMUNICAÇÃO

O ALUNO TRABALHADOR

Das possibilidades de um cotidiano político a uma política para cotidiano

Elisabeth da Fonseca Guimarães

A vida do estudante noturno, assim como a de tantos grupos sociais, esta permeada por uma multiplicidade de relações, muitas vezes, visíveis e abordáveis; outras vezes, imperceptíveis e mesmo impenetráveis. Grande parte dos jovens só se escolariza devido a existência de escolas noturnas, que são freqüentadas, em sua maioria, por trabalhadores, que ocupam suas horas diárias nas mais diversas atividades.

Neste estudo, a proposta é conhecer o aluno da Escola Noturna de Uberlândia, de 5ª a 8ª série do 1º grau, e aprender o caráter político que lhe envolve o cotidiano. Sem a pretensão de dar conta da totalidade, delimitamos o universo empírico desta investigação a partir da experiência de vida desses jovens: a escola, o trabalho, o que decidimos conceber como a recriação da liberdade e o seu procedimento político frente a realidade. Por esse universo nos enveredamos a procura de uma compreensão maior, não apenas dessa realidade específica, mas também da sociedade em que vivemos.

Buscamos os elementos, para nossa análise, na própria experiência de vida desse jovem: a infância encurtada, o trabalho precoce, a luta diária pela sobrevivência. Elegemos o ambiente escolar, mais especificamente o turno da noite, o lugar onde esses jovens encontram-se, conhecem-se, relacionam-se, como o espaço principal para o trabalho de campo. Um espaço político de troca de experiência, de tomada da consciência, de decisão, de ação.

A escolha das escolas se fez a partir da distância que elas teriam em relação ao centro da cidade, com a preocupação de selecionar escolas de vários bairros, de modo a obter uma amostra representativa de nosso universo. Ao total, foram sete as escolas visitadas, desde a localizada na praça principal da cidade até aquela que se distancia 11 quilômetros do centro.

Para o trabalho de campo, apoiamos-nos em E. P. Thompson e em sua maneira peculiar de "fazer História". Para isso, elaboramos nossa análise com base em conceitos construídos a partir da vivência desses indivíduos. Valorizamos seus depoimentos, conversas, opiniões. Até mesmo a exclamação mais banal, mais corriqueira, foi considerada. Essas falas foram cuidadosamente registradas na dissertação final. Além de evidenciarem a riqueza do grupo investigado, elas nos aproximaram de nossos propósitos de pesquisa.

A fundamentação teórica deste estudo foi construída a partir do pensamento marxista, iniciando pelo próprio Marx e sua concepção de homem, enquanto ser histórico e transformador da realidade. Na trilha do marxismo, chegamos a Gramsci, filósofo contemporâneo que pensou o homem como produto da praxis, ou seja, o fazer humano concreto, econômico, produtivo.

A vida cotidiana do aluno noturno e vista por nós como um momento precioso para apreensão dessa praxis. No seu acontecer, acreditamos da-se a crítica do senso comum, a passagem da visão primitiva e não elaborada para a construção de uma concepção de mundo própria, de modo a intervir efetivamente na realidade.

O pensamento de Gramsci é fundamental a esta investigação, porque nele encontramos passagens que se referem a aspectos gerais de nossa análise, como a possibilidade de transformar a realidade, através da vontade e da ação dos homens, e a aspectos mais específicos, diretamente ligados a questão educacional, visualizando o aluno noturno, o promotor de uma nova ordem social. Para nós, a riqueza de Gramsci encontra-se nessa nova leitura do marxismo, o que abre a brecha para que a esfera estrutural seja vista, também, como terreno da consciência e da humanidade. Essa nova leitura só nos é possível pelo caráter dialético dessa filosofia, o que nos conduz a uma estratégia de ação revolucionária, privilegiando o lado político do indivíduo. Nessa dialética nos apoiamos para pensar o cotidiano de nosso investigado: uma totalidade fértil para atuação política, entendida, aqui, enquanto prática que envolve todas as ações do homem em sociedade.

A) Escola e trabalho: Como não pensa-los juntos?

O aluno noturno, por sua própria especificidade, só pode ser conhecido vinculado a escola, que lhe atribui a condição de aluno, e ao trabalho, razão primeira que o leva a procurar os cursos noturnos para se escolarizar. Nosso investigado é adolescente, com o físico em formação. Trabalha, em média, mais de 8 horas diárias, e, sem exceção, estuda à noite.

É um trabalhador que ocupa, durante todo o dia, as mais diversificadas atividades, em posição, quase sempre, de subemprego, executando tarefas de extrema responsabilidade: "professor" de matemática, baba, motorista, desenhista, marceneiro, doméstico, mecânico, e outros. No que se refere ao cumprimento de seus direitos trabalhistas, a situação assume outro aspecto, de trabalhador que passa a ser "o menino". Raramente está registrado em carteira, o salário nem sempre atinge o mínimo oficialmente estipulado e o pagamento de horas extras, férias ou acordos de dispensas são feitos através de "acordos". Mais de uma dezena de vezes deparemos com alunos, com menos de 14 anos, que trabalham desde os 11 sem nenhuma garantia, em atividades nada infantis.

E a escola? Ela participa efetivamente da vida do aluno noturno, de modo a esclarecê-lo quanto a seus direitos de trabalhador? Não há única resposta para essa questão e nem como generalizar. O que existem são fatos, tomadas da realidade que nos encorajam a pensar a escola como um espaço de discussão, de conscientização, de luta. Para isso, é preciso vê-la como um elemento ativo na sociedade. Apreender-lhe a organicidade de uma instituição que está viva, que é parte integrante da História.

Para o nosso aluno, a escola representa um caminho para se alcançar uma vida melhor: um trabalho mais "maneiro", a compreensão da realidade através do conhecimento escolarizado, o respeito das pessoas decorrente desse conhecimento. É um espaço de mudança, por onde ele sonha com uma vida mais digna, menos sofrida.

Em nossas explorações, não encontramos uma única Escola Noturna. Se existe aquela que ignora por completo quem é o aluno noturno e age como se ele não existisse, há também aquela que precisa ser ampliada e fortalecida (já que se mostra frágil, restrita, ameaçada) e que tem a coragem de confiar nesses jovens trabalhadores e por eles, e em direção a eles, tem sido capaz de repensar sua

prática.

B) A liberdade recriada: como o aluno trabalhador reconstrói este espaço cotidiano

O tempo de trabalho é determinante na vida do aluno noturno. Em detrimento dos "outros tempos" que compõem seu cotidiano, seja o dedicado à escola, ao descanso ou ao que nomearemos de recriação da liberdade, ele se impõe como uma necessidade.

Em nossa análise, apreendemos a capacidade desse jovem para lidar com essa determinação a ponto de conseguir levar uma vida mais leve, mais divertida, mais feliz, sem deixar, com isso, de ser um trabalhador, um estudante, ou ser político. Esta capacidade se evidencia nos momentos em que ele recria a própria liberdade, ou seja, subverte o convencional e atribui a situações, como o trabalho e o estudo, objetivos totalmente contraditórios aqueles que lhe são conferidos oficialmente,

Os momentos de recriação da liberdade existem na vida do aluno trabalhador como parte do tornar-se homem. Eles se traduzem em um se soltar interiormente, na construção de planos para o futuro, em viagens do pensamento. Uma reconstrução que acontece continuamente através de permutas entre a seriedade do trabalho e da escola e a vivacidade que lhe é própria da idade. Eles não são simples resistência ao mundo disciplinado. São vitais ao cotidiano desse jovem. Atuam como suportes reconstrutores da experiência diária, permeando a face adulta da responsabilidade com o infantil, o lúdico, o irreverente e o ingênuo de seu tempo.

C) O aluno trabalhador e a manifestação de sua face política

Para apreender a face política do aluno trabalhador, partimos de acontecimentos que não têm caráter político restrito, mas de fatos corriqueiros, de depoimentos de pessoas comuns, sem a intenção ou a projeção de liderança. Optar por esse tipo de análise só foi possível pelo próprio modo como pensamos o homem, em sua capacidade infinita de atuar sobre a realidade, manifestada através das mais primárias decisões, das mais elementares atividades.

O ambiente escolar foi o nosso principal campo de pesquisa. Por isso mesmo, a maioria de nossos debates girou em torno da questão educativa ou foi perpassada por ela. Observamos que a escola pode, e muito, contribuir para o avanço político do aluno noturno, ainda que raramente o faça. Esse aluno tem consciência que o saber escolarizado é fundamental para que ele possa fazer uma leitura coerente da política que se pratica no país, principalmente quando se trata de decifrar o discurso do poder. Mais que isso, esse saber o ajuda a compreender as situações mais elementares de seu cotidiano, a fazer uma avaliação da vida que leva, das relações que estabelece no trabalho, do conteúdo que lhe é transmitido em sala de aula.

A escola pode contribuir definitivamente para o crescimento político do aluno noturno, não apenas em sentido restrito, o que envolve a militância como ponto de partida, mas em sentido amplo, que é próprio da condição humana e que possibilita a esse jovem uma participação consciente na realidade, tornando-o um promotor da história de seu país e não apenas um mero espectador.

Sobre a educação política informal que acontece através dos meios de comunicação, há de se considerar a influência marcante exercida pelo rádio e pela televisão. A brevidade e a rapidez, com que as informações chegam até os jovens, garante a eficácia do controle ideológico destes instrumentos. O jornal, que poderia contribuir para uma aproximação mais consciente com a realidade, é pouco lido. Sua leitura, quando acontece, depende de intervalos no período de trabalho e da compra dos mesmos por terceiros. O próprio preço já é um obstáculo para fazer deste veículo um hábito.

A participação política deve ser pensada como uma realidade na vida do aluno trabalhador, principalmente se levarmos em conta a média de idade desse aluno e o momento histórico vivido. Como uma conquista, ela só pode acontecer nos mais diferentes momentos de seu cotidiano. Nesta

pesquisa, constatamos o quanto a educação formal pode levá-lo a se posicionar politicamente. Este posicionamento, entretanto, só pode ser considerado atrelado a força da Sociedade Civil, enquanto organismo maior, capaz de desencadear mudanças significativas na sociedade brasileira.

D) Quem e o aluno da Escola Noturna?

Neste estudo, não procuramos imprimir nenhum tom definitivo as nossas explorações, mesmo porque, pela própria riqueza do grupo que investigamos, nunca foi nossa intenção oferecer um perfil do aluno trabalhador. Nossa proposta de conhecer o cotidiano desses jovens está atrelada a própria maneira como nos colocamos diante desse grupo, acreditando em suas possibilidades de atuar conscientemente na realidade social.

O nosso aluno trabalhador e um ser carente. De uma carência que se manifesta nos mais diversos momentos de seu cotidiano. Decidimos delimitar sua situação de carência a partir de três aspectos que consideramos marcantes: o material, o afetivo e o político.

A carência material e palpável. A simplicidade dos trajes, a precariedade do material escolar, a preocupação com a possibilidade de lhe cortarem a merenda (o que faz com que a função primeira da escola se desloque para a alimentação) denotam o quanto e difícil para ele garantir um mínimo de condições materiais necessárias a sua sobrevivência. A manutenção dos estudos, então, nem se fala. Qualquer tipo de recurso material que a escola venha a lhe solicitar deve ser visto com cautela.

A carência afetiva e uma outra agravante da Escola Noturna. Grande parte de seus "meninos" sofre deste mal. Alheia a essa questão, pouco ela tem feito para amenizar essa dor. O próprio Serviço de Orientação Educacional, criado com essa finalidade, atende, prioritariamente, os alunos do diurno. A discriminação entre os turnos escolares afeta o aluno nos mais diferentes setores da escola (biblioteca, pátio para Educação Física, presença da diretora, participação em eventos extracurriculares). Ela concorre para acentuar ainda mais as mazelas afetivas que ele traz de casa.

A carência participativa envolve o cotidiano desse grupo em proporções equivalentes a material e a afetiva. Em termos teóricos, ela se identifica com a incapacidade do homem de se impor a realidade histórica e de se fazer a razão primeira das transformações sociais. Presente no trabalho, na escola e em situações esporádicas do seu cotidiano, ela esta, a nosso ver, vinculada a própria história de vida desse jovem. Em termos mais gerais, compõe o legado autoritário dos anos 60, já em termos de pratica dessa pesquisa, ela se apresenta mediante a falta de determinação de nosso investigado, ao se colocar como um mero espectador das decisões tomadas a sua volta.

A militância política, que pode ser incluída nessa situação de carência, e rara no noturno. Ela começa a despontar com a recriação dos grêmios estudantis. Para além dos muros da escola, essa militância e praticamente inexistente, com o agravamento do descrédito e do desinteresse pelo homem público, por parte do aluno trabalhador. Sobre os poucos militantes que encontramos, acreditamos poder visualizar nesses jovens, embriões dos futuros líderes políticos, capazes de desempenhar função "dirigente", "organizativa", "educativa" e "intelectual". Sua presença na escola e importante a medida que seu relacionamento com os colegas esta mediado por interesses comuns. Nascidos da necessidade de o grupo se impor socialmente, esses líderes estão encarregados de defender as reivindicações estudantis para a elaboração de uma nova concepção de mundo, que inclui as aspirações deste segmento social. Sua pratica se faz fundamentalmente importante dentro do espaço escolar, num trabalho cotidiano de buscas de novas lideranças e de conscientização de seus colegas que, enquanto homens, guardam a vocação histórica de transformar a realidade social.

Ao final de nossas explorações, evidenciamos uma concepção cara a vivência do aluno trabalhador, que nos acompanhou por toda a nossa análise, sem que a ela nos referíssemos explicitamente: o conceito de cidadania. Para conceber o cidadão nos apoiamos em D.Saviani, para

quem o cidadão e aquele sujeito de direitos e de deveres, que esta capacitado a participar da vida da sociedade. Esta participação, para acontecer, pode prescindir da cultura letrada e do saber sistematizado, oferecido pela escola.

Olhamos o aluno trabalhador como futuros cidadãos. A Escola Noturna e capaz de nos dar provas desta possibilidade através da história de vida de cada um desses jovens, marcada pelo trabalho precoce, pela carência, pela capacidade de recriar a própria liberdade. E através do trabalho de profissionais engajados na tarefa de ensinar, que são capazes de fazer do período noturno um momento precioso no cotidiano do aluno trabalhador.

Nesta pesquisa, nossa disposição foi a de ver o aluno da Escola Noturna de Uberlândia como um ser histórico, produto das relações sociais travadas no tempo em que vive. A historicidade que envolve suas experiências de vida norteou nosso olhar para que dele não cobrássemos uma participação revolucionária radical, nos moldes dos anos vinte ou de qualquer outro momento. Ele e portador de um legado que tem sua origem na própria história da sociedade brasileira que, como sabemos, engatinha na conquista de seus direitos políticos. Como parte de um segmento isolado, não podemos reservar-lhes a responsabilidade de, instantaneamente, virar a mesa e reverter este quadro.

Acreditamos na capacidade de esse jovem caminhar em direção a conquista de uma participação efetiva na realidade social. Para isso, ele não pode prescindir do apoio efetivo da Escola Noturna. Não que sejamos favoráveis a esse tipo de escolarização, mas, se ela e parte integrante de seu cotidiano e se não pode ser extinta de pronto, deve ser repensada de forma a acompanhá-lo nesse percurso.

NOTAS

1- A afirmação baseia-se na pesquisa da autora abaixo citada que relata: "Aluno matriculado no período noturno, na sua grande maioria, já esta engajado em trabalho assalariado durante o dia, quase sempre, em turno de oito horas". Carvalho, Célia P., Ensino Noturno: realidade e ilusão, p.7.

2- Para maior compreensão do pensamento deste historiador veja: THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

3- Pelo caráter relatório dessa exposição, não registramos aqui nenhum desses depoimentos. Reafirmamos, entretanto, seu valor e sua necessidade para evidenciar a riqueza do grupo pesquisado.

4- GRAMSCI, A., Obras escolhidas, p.16.

5- Idem, Ibidem, p.27.

6- Idem, Ibidem, p.83.

7- Fazemos aqui referenda a concepção de política em Gramsci: em sentido restrito, relaciona-se diretamente a esfera de atuação do Estado e as relações de poder. Em sentido amplo, e concebida como elemento constitutivo da práxis humana. Veja Coutinho, C. N. Gramsci, p.75.

8- Veja Gramsci, A., Op. cit, p.234 e Coutinho, C.N., Op. cit., p.91.

9- Em 21 de novembro de 1985, os grêmios foram oficialmente legalizados.

10-Referimos a Gramsci e ao "destacado papel que ele atribui aos intelectuais na formação e na construção do partido. "Todos os membros de um partido devem ser considerados como intelectuais", diz Gramsci;" e isso não pelo nível de sua erudição, mas pela função que exercem no partido, que e dirigente e organizativa, ou seja, educativa, isto e, intelectual." Coutinho, C.N.,

Op. cit., p.122.

11-Saviani, D. A cidadania que não temos, p.73.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, C. P. Ensino noturno; realidade e ilusão. São Paulo, Cortez, 1984.

COUTINHO, C. N. Gramsci. Porto Alegre, L&pm, 1981.

GRAMSCI, A. Obras escolhidas. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SAVIANI, D. Educação, cidadania e transição democrática. In: COVRE, M.L.M. A cidadania que não temos. São Paulo, Brasiliense, 1986.